

OUTONO



Este número assinala a atribuição do Prémio Universidade de Lisboa ao historiador António Borges Coelho, autor de uma obra notável nesse domínio, cuja publicação prossegue. Tratando tópicos tão cruciais e diversos como a presença árabe no que é hoje Portugal, a revolução de 1383, as raízes da expansão portuguesa, a Inquisição de Évora, e a obra historiográfica de alguns dos seus predecessores maiores, a obra de Borges Coelho tem o seu fecho da abóbada na História de Portugal que, em diversos volumes, tem vindo a publicar.

Damos também nota da intervenção de que um dos magníficos Jardins Botânicos da Universidade de Lisboa tem vindo a ser alvo, e incluímos um breve texto de uma conhecida investigadora neste domínio, Cristina Castel-Branco, sobre esse tipo de intervenção. Documentamos ainda o amplo restauro da Aula Magna da Reitoria da Universidade, palco de cerimónias académicas e espetáculos que perduram na memória dos espectadores.

As *alumnae* da Universidade de Lisboa com quem conversámos são ambas psicanalistas e dão-nos a sua versão do legado de Freud, e de como o fizeram seu nas suas vidas e na sua atividade profissional. O breve questionário sobre as 4 coisas memoráveis a que convidamos um membro da comunidade académica a responder foi, desta vez, endereçado a Graça Pissarra, membro do Conselho Geral da Universidade. •

ÍNDICE



- 1** Editorial
- 2** Índice
- Notícias**
- 3** Aconteceu
- 5** Vai acontecer
- 6** Sobre
 - O jardim, por Cristina Castel-Branco
- 7** 4 Coisas
 - Graça Pissarra
- 8** Aula Magna
 - A história continua
- 14** António Borges Coelho
 - «A História não é só feita de reis, bispos e senhores feudais.»
- 20** Jardim Botânico de Lisboa
 - Um oásis na cidade
 - E assim sucessivamente**
 - 26** Maria Luís Borges de Castro
 - 29** Carmo Sousa Lima
- 32** Lançamento da Imprensa da ULisboa

FICHA TÉCNICA

Edição e propriedade: **Universidade de Lisboa** · Área de Arquivo, Documentação e Publicações
 Diretor: **António M. Feijó** | Coordenação executiva e produção: **Ana Silva Rigueiro**
 Redação e comunicação: **Ana Cláudia Santos** e **Helena Carneiro**
 Fotografias: **César Garcia, Duarte Pinheiro, Helena Carneiro, José Furtado**
 Capa: «Le Sphinx apres les déblaiements et les deux grandes pyramides»,
 Maison Bonfils, 1878 © Wikimedia Commons
 Verso de capa: Planta do piso superior da Reitoria, solução de 800 lugares.
 Espólio do arquiteto Porfírio Pardal Monteiro depositado no arquivo do Forte de Sacavém do SIPA (IHRU)
 Design: **A Bunch of Susans**

Periodicidade: **março, maio, outubro e dezembro** | Assinaturas e distribuição: imprensa@reitoria.ulisboa.pt
 Impressão: **Lidergraf – Sustainable Printing** | Tiragem: **12 000 exemplares**
 Depósito legal: **418564/16** | ISSN: **2183-8844**

Contactos gerais: **Imprensa da Universidade de Lisboa**
 Alameda da Universidade · Cidade Universitária · 1649-004 Lisboa · Portugal
 Tel.: +351 217 904 750 - Ext. 19 750 | E-mail: imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Distribuição Gratuita

IUI
IMPRESA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Abertura do ano académico 2018/2019

Decorreu no dia 20 de setembro, na renovada Aula Magna, a sessão solene de abertura do ano académico, que integrou a Oração de Sapiência do Professor Marcelo Rebelo de Sousa, na sua jubilação na Universidade de Lisboa. Estiveram presentes o Reitor da Universidade de Lisboa, António Cruz Serra, e a presidente do Conselho Geral da ULisboa, Leonor Beza, que realçou o privilégio de uma cerimónia em que «a jubilação de um professor que marca de forma indelével a Universidade se ajusta ao momento de renovação» do ano académico. Na sua Oração de Sapiência, o Professor Marcelo Rebelo de Sousa fez uma síntese dos 52 anos da sua vida académica, entre 1966, ano de entrada na Faculdade de Direito, e 2018, avançando de dez em dez anos, com o pano de fundo da história mundial e nacional, e indo do geral para o particular – o Mundo, Portugal, a Universidade, o Direito, o Professor. Em 1966, o estudante «conjugava a centralidade da carreira escolar com o ativismo cívico e comunicacional»; em 1976, era assistente, dedicando-se «com entusiasmo ao ensino da lei fundamental acabada de entrar em vigor»; em 1986, depois do doutoramento, abriu-se-lhe o caminho para uma «intensa e diversificada devoção à Universidade»; no virar do século, concentrava na sua Escola todas as energias da docência; entre 2006 e 2016, «é já o último moicano no ativo licenciado e mestrado na pré-história». O Professor deixou à Universidade um agradecimento à «vida inesquecível» que lhe proporcionou.

Na intervenção inicial da cerimónia, Teresa Valido, estudante do último ano de Medicina e membro do Conselho Geral, testemunhou que «ser estudante da Universidade de Lisboa é viver numa academia plural, em que todas as áreas do saber se congregam e coabitam». Ana Rigueiro, coordenadora da Área de Arquivo, Documen-

tação e Publicações dos Serviços Centrais, falou sobre a cultura organizacional da ULisboa, dos seus princípios e valores, e das suas pessoas. Afirmou que a excessiva carga administrativa e burocrática que as universidades têm de suportar para mostrar que são confiáveis prejudica a sua missão, aguardando-se a prometida autonomia reforçada.

O Reitor começou por dirigir aos novos estudantes, «o centro deste projeto perpétuo e inacabado que é a Universidade», uma palavra de acolhimento e de encorajamento, saudação que estendeu aos estudantes internacionais, provenientes de mais de 100 países. O Reitor referiu os 300 concursos para contratação de docentes que a ULisboa abriu nos últimos dois anos, e reiterou que uma das grandes preocupações é a construção de novas residências e a reabilitação das antigas: está já reabilitada a segunda residência da Faculdade de Motricidade Hu-

mana; em maio de 2019, estarão em funcionamento os primeiros 300 quartos da nova residência no *campus* da Ajuda; abrirá em breve o concurso para a transformação da antiga Cantina II numa residência com 200 camas; acaba de ser adjudicado o projeto de arquitetura para a construção de residências na Cidade Universitária, com capacidade para 900 camas; está em curso a transformação de um edifício perto do IST numa residência com cerca de 300 camas. Informou ainda que estão em pleno funcionamento as novas instalações do Infantário da ULisboa; que a nova incubadora da Cidade Universitária está completamente ocupada por *startups*; que terão início em 2019 as obras de reabilitação do Pavilhão de Portugal, bem como as obras de ampliação da Faculdade de Farmácia e da biblioteca da Faculdade de Direito; a cargo do IST estará a construção de um novo centro académico na antiga gare do Arco do Cego.



Olimpíadas da Cultura Clássica

A 8 de junho foram entregues, na Faculdade de Letras, os prémios da 1.ª edição das Olimpíadas, da responsabilidade do projeto Clássicos em Rede, organizado pelo Centro de Estudos Clássicos, pela Rede de Bibliotecas Escolares, e pelas autoras do projeto Olimpvs.net, Ana Soares e Bárbara Wong. Com o objetivo de promover o conhecimento em Cultura Clássica dos alunos do ensino básico e secundário, em 2017/18 mais de seis mil alunos de todo o país assistiram a palestras sobre o tema. As Olimpíadas consistem num concurso nacional de trabalhos de escrita, artes e multimédia e conquistaram a participação de 1800 trabalhos. Em primeiro lugar ficaram três participantes *ex aequo*; foram também premiados 49 alunos do 4.º ao 6.º ano, 26 do 7.º ao 9.º, e 22 do 10.º ao 12.º. Dado o sucesso desta edição, as Olimpíadas continuarão em 2018/19 com os temas «Perseu e Andrómeda», «Dido e Eneias» e «As Sete Maravilhas do Mundo Antigo».



© Ciências ULisboa

Ana Simões eleita presidente da ESHS

Em setembro, a European Society for the History of Science (ESHS) elegeu para presidente Ana Simões, professora do Departamento de História e Filosofia das Ciências da Faculdade de Ciências e coordenadora do Centro Interuniversitário de História das Ciências e Tecnologia. A ESHS foi criada em 2003 e conta com 650 membros de 35 países. Sobre esta eleição, diz Ana Simões: «É uma enorme honra e responsabilidade. Revela que a História das Ciências feita em Portugal passou a integrar o mapa internacional. Traz consigo a responsabilidade acrescida de tornar a História das Ciências feita no espaço europeu cada vez mais geograficamente diversa e metodologicamente plural.»

RedeESPAÇO

No dia 25 de setembro, o Salão Nobre da Reitoria acolheu o lançamento de mais uma rede criada no âmbito das Redes Temáticas Interdisciplinares da ULisboa. A redeEspaço junta-se assim às já existentes redeAGRO (agroalimentar e florestal), redeSAÚDE, redeMOV (mobilidade urbana e inteligente) e redeMAR. Esta nova rede propõe o desenvolvimento de atividades de ensino, investigação, inovação e empreendedorismo na área do Espaço e dos Ambientes Extremos, ou seja, regiões caracterizadas por condições inóspitas ao desenvolvimento e manutenção de qualquer forma de vida (os polos terrestres são exemplo dessas regiões, assim como o espaço sideral). Além da colaboração transdisciplinar das 18 Escolas da ULisboa, pretende-se alargar a cooperação a nível empresarial, académico e militar, tanto nacional como internacionalmente. Na sessão de lançamento, esteve presente Joan Vernikos, diretora do programa Space Life Sciences da NASA entre 1993 e 2000, com uma palestra intitulada «Lessons from Space to Healthy Living on Earth».



Pós-graduação Educação para a Paz Global Sustentável · ISCSP

Inaugura-se este ano letivo a pós-graduação em Educação para a Paz Global Sustentável, organizada pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP). Tem colaboração direta da Fundação Cuidar o Futuro, da Universidade dos Valores e do Programa Nacional de Promoção do

Sucesso Escolar. O curso consiste numa formação teórica e científica em estudos aplicados da paz e dos direitos humanos e integra-se na Cátedra UNESCO E=GPS (Educação = Global Peace Sustainability), da responsabilidade da ULisboa e coordenada pelo ISCSP.



FBAUL'OUS Calendário Solidário

A Faculdade de Belas-Artes apresenta o projeto FBAUL'OUS, um calendário solidário, cuja receita reverte para bolsas de apoio social a estudantes da instituição. O projeto tem autoria artística de Leonor Fonseca, antiga aluna da Faculdade, e consiste numa série de fotografias que reinterpretam grandes obras da pintura clássica e moderna, de artistas como Leonardo da Vinci, Edvard Munch ou Andy Warhol. A produção do calendário conta exclusivamente com alunos e *alumni* da Faculdade, entre os quais Ângela Ferreira e Vasco Araújo, na reinterpretação das obras em questão, incentivando o espírito de entreajuda na comunidade académica ao possibilitar o acesso à formação universitária por meio de um programa de bolsas. Abordando temas atuais como a androginia ou géneros não-binários, este projeto procura destacar a identidade singular, o respeito pela diferença e a inclusão, princípios defendidos pela Faculdade de Belas-Artes e pela Universidade de Lisboa.

Banco de Manuais da Cidade Orçamento Participativo

O auditório do Caleidoscópio será palco da assinatura de um protocolo de cooperação entre a ULisboa e a Câmara Municipal de Lisboa a 26 de outubro, no âmbito do projeto do Orçamento Participativo «Banco de Manuais da Cidade». Consiste na compra de livros de apoio ao ensino superior, com vista à criação de um banco de empréstimo, com orçamento estimado de 35 mil euros. À ULisboa caberá adquirir os livros, em formato impresso ou eletrónico, e garantir o seu tratamento bibliográfico, preservação física ou digital, bem como a gestão do seu acesso, através de consulta local e empréstimo. O material bibliográfico ficará disponível no centro académico da ULisboa, a partir do final de 2018. O conjunto bibliográfico inclui, além de obras das editoras da ULisboa, dicionários, compêndios, guias, manuais e obras de referência, disponibilizados a alunos da cidade de Lisboa.



VII Encontro Ser Bebé Vida pré-natal e saúde mental na primeira infância

A 7 de dezembro terá lugar no Anfiteatro I da Faculdade de Psicologia o VII Encontro Ser Bebé. Serão debatidas as práticas e as investigações de articulação entre a qualidade da vida antes do nascimento e a saúde mental depois do nascimento – da grávida, da família, do indivíduo e da sociedade. A associação Ser Bebé e a Faculdade de Psicologia convidam todos os profissionais, investigadores e estudantes interessados na

Projeto Transformar Faculdade de Farmácia



De 23 a 25 de novembro vai decorrer a segunda edição do projeto de voluntariado Transformar. A iniciativa é organizada pela Associação de Estudantes da Faculdade de Farmácia, que convida os estudantes da sua Escola a dedicarem algum tempo a ajudar os membros de uma instituição, intervindo na sociedade enquanto cidadãos ativos. O trabalho será realizado em duas vertentes: uma física, em que os voluntários transformam os espaços de uma instituição; e uma lúdica, em que os membros dessa instituição contam com a companhia dos voluntários na realização de atividades. Nesta edição, os voluntários da Faculdade de Farmácia vão colaborar com a Casa SOL, associação que apoia crianças infetadas com o vírus da Sida e as respetivas famílias.

vida pré-natal e na saúde mental da primeira infância a participarem neste encontro.



SOBRE

O JARDIM: ECOSSISTEMA REDESENHADO COMO PROJETO ESTÉTICO

Cristina Castel-Branco *

Quando o nosso Mestre de Arquitetura Paisagista no Instituto Superior de Agronomia (ISA), Manuel Sousa da Câmara, dizia que «um jardim é um ecossistema de substituição!», despertou a curiosidade de o confirmar e pôr em prática. Composto de materiais orgânicos sujeitos aos processos naturais, o jardim é, dizia, um ecossistema no qual, em nome da Arte, o Homem substitui a posição dos elementos, a variedade dos materiais e dos solos, a forma de reter ou movimentar a água, sendo os processos os de qualquer ecossistema.

Daqui decorria que para se saber fazer jardins ou neles intervir era obrigatório conhecer as dinâmicas naturais que neles operam. Segundo o Mestre, a arte de desenhar jardins exigia em simultâneo o conhecimento das ciências que estudam os processos naturais e a capacidade artística de inventar o espaço. Por essa razão, a Arquitetura Paisagista teria de ser ensinada numa escola de Ciências. Assim tem sido no ISA.

Um jardim é também o resultado de um projeto estético que se vem sobrepor ao ecossistema e transporta consigo o legado secular de arte dos jardins. Quando um ecossistema redesenhado com arte se manteve durante séculos, temos jardins históricos que, pela sua longevidade, dão lições de sustentabilidade. Mas não chega conservar as estruturas materiais e formais do jardim; é necessário que ele funcione bem enquanto ecossistema e, por isso, a qualidade estética do jardim



depende da capacidade de preservação de um equilíbrio ecológico por quem o mantém.

Um jardim do Renascimento, como o da Penha Verde, feito por D. João de Castro, que atravessou quatro séculos, é um jardim sustentável que venceu o teste do tempo. Estes jardins oferecem-nos exemplos inspiradores para problemas atuais, como é o caso da gestão da água. As soluções hidráulicas a funcionar há séculos podem ser aparentemente simples, como no caso do Palácio Fronteira. Neste, com jardins em terraços, a água é trazida de minas subterrâneas e feita repuxar nos terraços superiores, sendo depois conduzida para os tanques dos terraços inferiores, onde é armazenada, produzindo efeitos soberbos de espelho de água e servindo de rega nos patamares da horta e do laranjal.

Nos projetos que desenho, quase sempre proponho ao cliente a instalação de uma cisterna que recolha as águas da chuva e da

drenagem, destinadas à rega. A oxigenação faz-se depois, em regra seguindo o modelo do Pátio das Murta no Alhambra, onde uma pedra recebe um jato e dispersa suavemente a água sobre a superfície de um espelho de água. O processo é o mesmo, ainda que as formas possam variar em traço contemporâneo. Em que é que esta composição é sustentável? Uma única água, uma só canalização, uma só bomba servem a estética da água, servindo depois para rega.

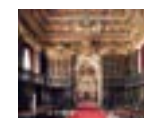
A calçada portuguesa permite que cerca de metade da água se infiltre naturalmente no solo. A beleza dos motivos em calcário e basalto veio adicionar-se a esta sábia forma de pavimentar a cidade sem a impermeabilizar. Para os arbustos e árvores da cidade, este adicional de água conta, e frequentemente adoto a calçada nos meus projetos de jardins. Quando convidei Burtel Marx, em 1990, para um colóquio no ISA, ele confessou que no Rio de Janeiro o desenho do calçadão em Copacabana tinha sido copiado do padrão da calçada dos Restauradores, em Lisboa, e que se apaixonou pela calçada, transformando-a com o seu traço modernista.

As respostas técnicas e estéticas que os jardins históricos trouxeram no passado às questões ecológicas, próprias de cada lugar, tendo-se mantido ao longo do tempo, podem alimentar mais a criação contemporânea e guiar-nos na nossa procura de soluções para a manutenção e conservação de jardins. •

4 COISAS

Graça Pissarra

Técnica Superior do Gabinete de Qualidade e Logística do Instituto Superior de Agronomia (ISA) e membro eleito pelo Pessoal Técnico e Administrativo do Conselho Geral da ULisboa



Biblioteca Joanina

Aos 5 anos, numa visita a Coimbra, chegámos à Biblioteca Joanina já perto do fecho, mas o funcionário simpatizou com os meus Pais e levou-nos numa visita guiada à porta fechada. Fiquei fascinada pela quantidade de livros e pelas

cores do espaço. Não sei se foi esta experiência que me marcou, mas o fascínio por Coimbra foi sempre forte e passou pelo fado e pela ideia romântica de que o curso teria de ser lá. Não foi – foi em Lisboa –, mas o fascínio mantém-se.



A Criança e a Vida, de Maria Rosa Colaço

Com 6 anos, um Tio ofereceu-me este livro, que li e reli até ficar desconjugado. A pobreza e as dificuldades da vida daquelas crianças eram insuportáveis e incompreensíveis. Pensava que se um dia tivesse dinheiro ia

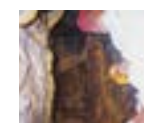
buscá-las todas e seríamos felizes. Mas as palavras delas é que me levavam de novo ao livro: as suas definições simples, mas profundas e tão belas. Eu também queria escrever assim.



Conversas com um Pastor

As minhas férias de Verão eram, normalmente, solitárias: um mês na quinta dos meus Avós, sem outras crianças; afastada, por segurança, dos trabalhos agrícolas; colocada, com desvelo, à sombra, onde me entretinha a ler, a observar os carreiros de formigas, ou a brincar sozinha. Um ano foi diferente. Ansiava pela tarde e pela passagem de um Pastor, que me esculpia brinquedos em

cortiça e madeira e me contava uma história mirabolante: tinha sido raptado por extraterrestres e levado para um planeta chamado Egitânea, onde lhe puseram um aparelho na cabeça para saber o que pensava. A família explicou-me que o Pastor tinha uma doença que o fazia pensar que os seus sonhos eram realidade; na Faculdade, percebi que doença era: esquizofrenia.



A Mina de Água mais bonita da Tapada da Ajuda

Entre os recantos mais marcantes da Tapada da Ajuda estão as minas de água que remontam ao reinado de D. João V. Abastecem a Tapada e outras quintas e palácios, nomeadamente o Jardim Botânico da Ajuda. São uma construção escavada na rocha, com o teto sustentado em finas lajes de calcário e o chão escavado na rocha basáltica, formando uma caleira para a água. Distribuem-se por centenas de metros e têm altura suficiente para se estar de pé no seu interior. São estreitas,

sem luz e com água aos pés e a pingar do teto. A beleza das escorrências calcárias e o tamanho dos insetos que ali vivem surpreendem. No fim do caminho, há uma pequena gruta à esquerda, e uma enorme garganta, formada por anos de depósitos calcários, com duas «amígdalas» no meio das quais brota água em gorgolejos: é a nascente! Macia e suave, aquela garganta tem o «esófago» para fora, levando a água pelo sistema de caleiras das Minas. Uma beleza subterrânea inolvidável!

* Professora associada com agregação do Instituto Superior de Agronomia, arquiteta paisagista, sócia fundadora do atelier ACB – Lda.



AULA MAGNA

A HISTÓRIA CONTINUA

As memórias associadas à Aula Magna dividem-se entre as cerimónias académicas, propósito para o qual foi concebida, e os concertos de artistas nacionais e internacionais de renome. Acabou de ser remodelada para poder continuar a acolher estes momentos.

Fotografias © 2018 José Furtado

«A MAIOR SALA DO PAÍS»

Contar a história da Aula Magna leva-nos de volta ao tempo em que os edifícios que hoje compõem a Cidade Universitária não passavam de desenhos no papel.

João Pardal Monteiro, arquiteto e professor na Faculdade de Arquitetura, da qual é atualmente presidente, ajudou-nos a conhecer essa história. A sua tese de doutoramento versou sobre o *atelier* Pardal Monteiro, personalidade por quem não esconde admiração. Embora o seu avô, José Cottinelli Telmo, fosse arquiteto (e cineasta, pintor, músico, jornalista e até ferroviário), é com o seu tio-avô Porfírio Pardal Monteiro que a afinidade é maior. O *atelier* de arquitetura em que hoje trabalha foi onde o seu pai e Pardal Monteiro trabalharam juntos.

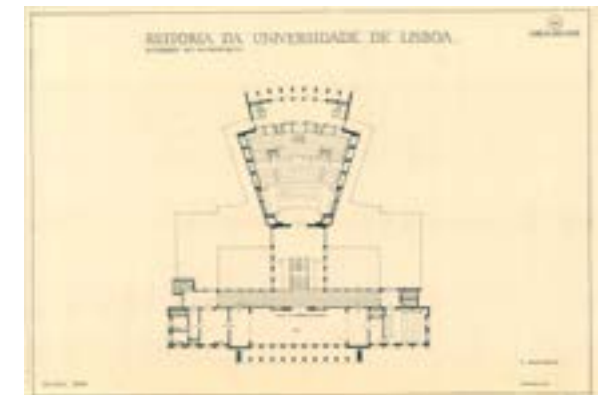
Nascido em 1897, Porfírio Pardal Monteiro foi um dos mais importantes arquitetos portugueses. Desempenhou a função de arquiteto-chefe da Caixa Geral de Depósitos e foi responsável pela Estação do Cais do Sodré, a Biblioteca Nacional, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil e, relacionados com a Universidade de Lisboa, o Instituto Superior Técnico (IST) e os três principais edifícios da Cidade Universitária: a Faculdade de Letras, a Faculdade de Direito e a Reitoria.

Professor no IST, trabalhou com o engenheiro Duarte Pacheco, sendo da autoria de ambos, além do próprio IST, o Instituto Nacional de Estatística. Ativos no período do Estado Novo, recusavam-se a compactuar com as linhas arquitetónicas do chamado estilo «Português Suave». No entanto, em 1938, a relação de trabalho e de amizade entre ambos termina. A rutura é atribuída a uma situação quase anedótica: Pacheco corrigia e anotava todos os desenhos de Porfírio, até que um dia este lhe envia um desenho emoldurado sob vidro, impedindo Pacheco de o comentar e emendar; a partir desse momento, e sem nada dizer, Pacheco deixa de encomendar, e impede que encomendem, trabalhos a Porfírio. Até 1943, só consegue terminar as obras já adjudicadas. João Pardal Monteiro levanta outra hipótese para o fim da relação: Duarte Pacheco ter cedido às exigências de Salazar e Porfírio recusar-se a fazê-lo.

Os primeiros projetos de Porfírio Pardal Monteiro para a Cidade Universitária aparecem em 1939. Como nota João Pardal Monteiro, nesta altura Porfírio planeava interligar os edifícios da Faculdade de Letras e da Faculdade de Direito por galerias (ver anteprojecto de 1941), chamando a atenção para a semelhança deste projeto com o pavilhão central do IST.

Com o eclodir da Segunda Guerra Mundial, e a rutura entre Porfírio e Duarte Pacheco, o projeto só irá avante em 1953, com planos reformulados: a área de construção aumenta, os edifícios apresentam-se separados, e a Reitoria ganha destaque devido ao anfiteatro da Aula Magna.

A Aula Magna é tida como a peça central da Reitoria, à data projetada para 800 lugares, «para que os espectadores pudessem assistir comodamente ao desfile do cortejo académico» (da *Memória Descritiva* elaborada por Porfírio), e estando já prevista a entrada do



Na página anterior
As novas cadeiras da Aula Magna

Nesta página
Anteprojecto de 1941. Alçado principal dos edifícios universitários
Espólio do arquiteto Porfírio Pardal Monteiro
depositado no arquivo do Forte de Sacavém do SIPA (IHRU)

Perspetiva aérea da Reitoria, solução de 800 lugares
Espólio do arquiteto Porfírio Pardal Monteiro
depositado no arquivo do Forte de Sacavém do SIPA (IHRU)

Planta do piso superior da Reitoria, solução de 800 lugares
Espólio do arquiteto Porfírio Pardal Monteiro
depositado no arquivo do Forte de Sacavém do SIPA (IHRU)



Remodelação da Aula Magna em 2018

público pelo lado posterior à Alameda. Em 1956, um ano antes da sua morte, Porfírio entrega o projeto definitivo, que será levado a cabo por António Pardal Monteiro, seu sobrinho. António é chamado pelo então reitor, Victor Hugo Duarte de Lemos, que lhe pede o aumento da lotação da Aula Magna para 2000 lugares, devido, nas suas palavras, «a uma necessidade imperiosa que faz prever daqui a alguns anos uma frequência da ordem dos 10 000 alunos». António Pardal Monteiro acabou por assumir a coordenação do projeto do edifício da Reitoria.

Ficando com 1597 lugares, a Aula Magna foi a maior sala construída em Portugal à época. Tal implicou especialistas: o pintor e decorador de interiores Daciano Costa, e Manuel Bívar, engenheiro de acústica, na altura diretor técnico da Emissora Nacional. O primeiro ficou encarregado do desenho de todo o mobiliário e do material dos acabamentos, e Bívar focou-se na propagação e reverberação do som no interior da sala, considerando as suas várias utilizações: exibição de filmes, espetáculos de música, e os importantes atos solenes. Atentando no teto, observamos o que Bívar explica: «o perfil do teto foi estudado de forma a permitir uma orientação conveniente dos raios sonoros para as últimas filas do auditório».

A pintura lacada decorativa presente nas portas da Aula Magna que confrontam o Átrio dos Passos Perdidos é da autoria de alunos da Escola de Artes Decorativas António Arroio, sob a supervisão do pintor Manuel Lino António. Estas portas abriram-se pela primeira vez a 3 de dezembro de 1961, data da inauguração da Reitoria.

UMA NOVA VIDA A 150 000 CICLOS

A Aula Magna encerrou de 7 de maio a 16 de julho de 2018 para uma remodelação profunda. Foram instaladas novas cadeiras, uma nova alcatifa, novas cortinas, os pavimentos em madeira tratados e reabilitados os sistemas de iluminação. A supervisão da obra esteve a cargo da Área de Gestão de Instalações e Manutenção e do Núcleo de Sustentabilidade da Reitoria da ULisboa, perfazendo o conjunto das empreitadas 543 427,13 euros.

Até à data, a Aula Magna já foi sujeita a algumas intervenções. A que agora teve lugar contemplou a substituição total das cadeiras das plateias e tribunas, com exceção das cadeiras das filas doutorais (já substituídas numa remodelação anterior). Houve questões técnicas prementes no que diz respeito às novas cadeiras: a resistência à abrasão do tecido, a resistência ao fogo e o nível de produção de fumo e gotas. A par da preocupação em corresponder às normas de segurança nacionais e europeias instituídas para salas de espetáculo esteve o cuidado em manter o desenho estrutural da cadeira concebido por Daciano Costa nos anos sessenta. As alterações a este desenho foram mínimas e apenas para melhoramento do conforto e da segurança.



Aula Magna atualmente

O tecido escolhido para as novas cadeiras é do fabricante belga Aristide, sendo a cor muito próxima da das cadeiras originais. Prevalente na escolha esteve uma resistência à abrasão de 150 000 ciclos na escala de Martindale (o metropolitano de Paris exige 80 000 ciclos nos revestimentos das cadeiras das carruagens). Dada a crescente utilização da Aula Magna nos últimos anos, com o alargamento do tipo de eventos e de público, pretendia-se um material durável, de lavagem fácil – algo garantido pela tecnologia *Aquaclean* – e também de fácil manutenção.

O tempo de vida das novas cadeiras estima-se em cerca de 20 a 25 anos; contudo, há outro ponto crucial nesta intervenção. Anteriormente, se alguma das filas apresentasse uma cadeira danificada, tal implicava desmontar a totalidade da fila; com esta remodelação quis garantir-se que cada cadeira possa ser desmontada e intervencionada por si só. Consegui também aumentar-se o espaço nos corredores de circulação entre filas – reduzindo-se o comprimento dos braços de apoio –, garantindo maior conforto e segurança aos espectadores. Uma curiosidade técnica: embora pareçam idênticas entre si, as cadeiras agora instaladas não o são. Visto que a sala se dispõe em anfiteatro, descrevendo arcos que vão sucessivamente alargando, para manter o alinhamento são necessários ajustes. A estrutura das cadeiras provém de três famílias, permitindo ajustes na ordem dos 20 mm entre cada uma.

A Aula Magna encerrou de 7 de maio a 16 de julho de 2018 para uma remodelação profunda. Foram instaladas novas cadeiras, uma nova alcatifa, novas cortinas, tratados os pavimentos em madeira e reabilitados os sistemas de iluminação.

Anteriormente, se alguma das filas apresentasse uma cadeira danificada, tal implicava desmontar a totalidade da fila; com esta remodelação quis garantir-se que cada cadeira pudesse ser desmontada e intervencionada por si só.

Procedeu-se também à substituição integral da alcatifa. O processo consistiu no seu levantamento e remoção, efetuando-se a regularização do pavimento e só depois aplicando a nova alcatifa. Com a referência Calgary Red, mais uma vez os requisitos assentaram na resistência à abrasão, na resistência aos incêndios e na facilidade de limpeza. O material escolhido tem características muito particulares. Por exemplo, se uma alcatifa de boa qualidade tem cerca de 15 000 fibras por m², esta tem 80 milhões, o que significa que a conseguimos dobrar a 360° sem ver a base. Além disso, esta base tem na sua constituição uma grande percentagem de material reciclado.

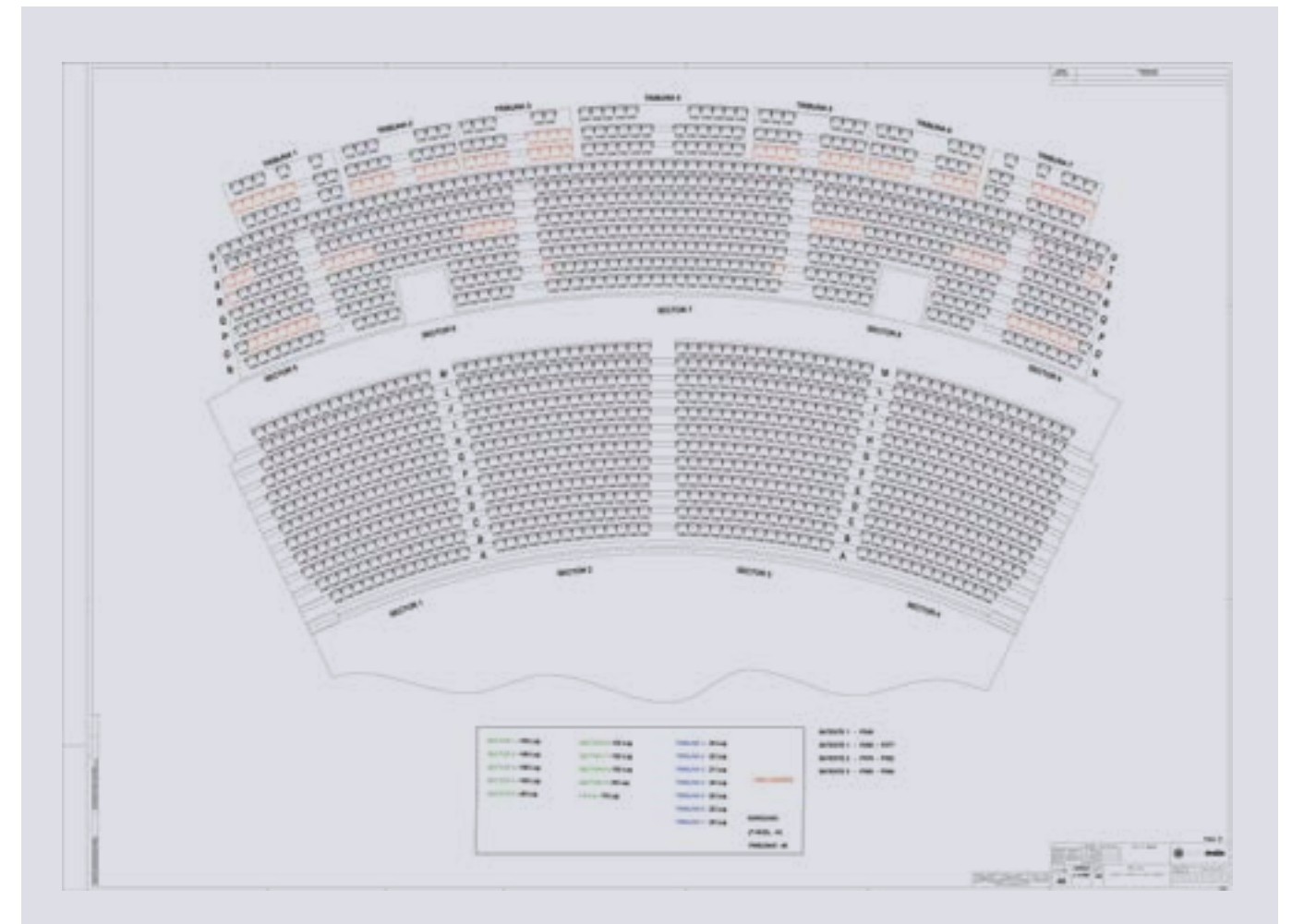
Devido à utilização dos equipamentos pesados que os espetáculos exigem, o palco apresentava sulcos profundos. Assim, foi afagado e reenvernizado, tal como todas as áreas com pavimento de madeira. Todas as portas da sala foram lixadas, envernizadas e tiveram os vidros substituídos.

A iluminação da sala também foi integralmente substituída: no palco, no teto, na luminária de segurança e no chão, na delimitação dos degraus e na marcação de fila. Trata-se de um sistema agora controlado centralmente que permite a formação de vários cenários de iluminação, por meio da regulação da quantidade e da intensidade da luz. Deste modo, está assegurada a capacidade de adequação da sala a vários tipos de eventos. Foi instalada tecnologia LED, com uma vida útil de 10-15 anos; comporta um menor custo de manutenção e uma melhor qualidade, contribuindo para o menor aquecimento da sala. Conseguiu-se assim uma poupança energética de 46 % – uma redução aproximada de 2500€/ano, cerca de 30 % relativamente ao custo de energia anterior.

35 ANOS DE MÚSICA E UMA ÚLTIMA LIÇÃO PRESIDENCIAL

Em maio de 2019, a Aula Magna vai receber os Dead Can Dance para dois concertos. Esta banda, composta por Lisa Gerrard e Brendan Perry, formou-se nos anos 80 e atingiu um estatuto de renome no circuito de música alternativa – é um exemplo daquilo que torna a Aula Magna uma sala icónica no imaginário lisboeta e, até, nacional. Criada especificamente para acolher cerimónias académicas, em especial o cortejo académico, as condições e características da Aula Magna, como as cabines de tradução simultânea, os camarins, a capacidade atual de 1584 lugares e área de palco de 180 m², fizeram com que ao longo dos anos a sua requisição para eventos como concertos, espetáculos de dança, teatro, ciclos de cinema e conferências aumentasse exponencialmente.

O primeiro concerto teve lugar em 1983, com os Trovante. Desde essa data, a sala recebeu Amália Rodrigues, António Variações, Carlos do Carmo, Clã, Buraka Som Sistema, Mão Morta, Ornatos Violeta, Rádio Macau e Madreus. A nível internacional, artistas



Planta atual da Aula Magna

como Florence & The Machine, Muse, Yann Tiersen, Patrick Watson, Zero 7, Norah Jones, The National, Peter Murphy, The XX, Andrew Bird, PJ Harvey, Feist, Ben Harper, José Gonzalez, Moby, e dEUS são alguns dos exemplos a assinalar.

No passado dia 20 de setembro, a Aula Magna recebeu a abertura do ano académico 2018/2019. Como damos conta neste número da Revista da ULisboa, foi também palco de um momento especial: Marcelo Rebelo de Sousa, professor da Faculdade de Direito, atual presidente da República, deu a sua última lição nessa ocasião para uma plateia repleta de alunos, funcionários, professores, investigadores e altos representantes nacionais. Mais um evento assinalável no percurso de uma sala acabada de renovar, para que continue a fazer história. •

Com a substituição da iluminação, conseguiu-se uma poupança energética de 46 % – uma redução aproximada de 2500€/ano, cerca de 30 % relativamente ao custo de energia anterior.

Aula Magna

Arquivo do atelier PMA
Fotografia de Mário Novais



ANTÓNIO BORGES COELHO

«A HISTÓRIA NÃO É SÓ FEITA DE REIS, BISPOS E SENHORES FEUDAIS.»

O Professor António Borges Coelho foi reconhecido com o Prémio Universidade de Lisboa 2018, cuja atribuição terá lugar no Salão Nobre da Reitoria, a 26 de novembro. Recebeu-nos em sua casa para uma conversa sobre o seu percurso académico, os seus livros, a sua história e a História.

Fotografias © 2018 José Furtado

ULISBOA Começamos pelo seu percurso na Faculdade de Letras.

ANTÓNIO BORGES COELHO Antes de ir para Letras, fui para Direito, em 1948/49. Era um jovem revolucionário, e Direito não me satisfez. Decidi até deixar de estudar. Mas amigos de Medicina matricularam-me em Ciências Históricas e Filosóficas. Na altura, a Faculdade de Letras funcionava na Academia das Ciências, na cave. Tive professores de que gostei muito, como Francisco Vieira de Almeida, e sobretudo Edmundo Curvelo, de História da Filosofia Antiga. Não havia associação académica e a liberdade era escassa; estas eram as exceções, professores mais abertos. Frequentei o 1.º ano como voluntário, porque trabalhava. Estava matriculado, mas podia ir ou não às aulas. Eu acompanhava, mas tinha o horário de trabalho na Junta Autónoma das Estradas. No 2.º ano, deixei o curso para me dedicar à luta revolucionária. Fui preso, julgado, estive quase seis anos e meio na prisão, cinco deles na Fortaleza de Peniche. Quando saí, voltei a matricular-me. Era o último ano em que funcionava o curso de Ciências Históricas e Filosóficas, que se dividiu em História e Filosofia. Esta segunda fase foi um momento agitado, com as grandes lutas da década de sessenta e início de setenta. O curso implicava um exame final, com cadeiras de Filosofia, de História, e uma tese de licenciatura. Publiquei mais tarde a minha em livro: *Leibniz: O Homem, a Teoria da Ciência*.

ULISBOA Filósofo que também traduziu.

ABC A publicação foi em dois volumes: um de textos que traduzi, e um de ensaio, a minha tese. A partir daí, comecei a dar aulas no ensino particular, sob supervisão do diretor da escola. A PIDE não me passava o diploma para lecionar. Mas não me faltaram aulas, e professores e diretores que garantissem a minha atividade de ensino. No 25 de Abril, a situação alterou-se profundamente. Já tinha publicado alguns títulos fundamentais para a História

Medieval: *As Raízes da Expansão Portuguesa*, prestes a ser reeditado; *A Revolução de 1383*; um livro sobre Alexandre Herculano; uma edição da *Crónica de D. Pedro* do Fernão Lopes; uma outra da *Crónica de D. Duarte* do Rui de Pina. A minha carreira na Faculdade de Letras começa com uma assembleia revolucionária de professores e alunos, que, sem eu o pedir, nem o saber, me elege professor. Os tempos foram agitados, com assembleias vivas, os corredores cheios de discussão, o grande interesse pela História, não só dos alunos, mas até de adultos que se matricularam no curso. Antes do 25 de Abril, a História que se ensinava não chegava à Revolução Francesa; depois, a História Moderna e Contemporânea foi a mais desenvolvida. Já não se usava apenas a sebenta ou a exposição do professor, havia discussão por parte dos alunos! Foram momentos extraordinários como professor. Não há professor que não goste de discutir o que defende. Nas ciências humanas, não há verdades eternas e universais, a informação renova-se. Uma aula em que se aprende a fazer História deixa mais marcas do que uma puramente recetiva, em que se tira notas e se fica contente porque se desenvolveu as ideias do professor.

ULISBOA É preciso «questionar a História».

ABC Foi sempre esse o meu objetivo, especialmente com os seis volumes que publiquei com esse título. Fiz o doutoramento sobre a Inquisição de Évora, tema que, pela irreverência e novidade, criou dificuldades no júri. Segundo a doutrina que vinha de trás, a Inquisição tinha sido útil para evitar as guerras religiosas em Portugal. Na verdade, a Inquisição fechou a liberdade de pensamento, tornou o ensino académico profundamente conservador. Embora a escola filosófica dos conimbricenses tivesse tido um grande relevo na Europa e em Portugal, travou o desenvolvimento filosófico quase até ao século xx. No século xvi, alguns autores portugueses conceberam e iniciaram a aplicação do método experimental. Os ro-



teiros de João de Castro, o vice-rei da Índia, anunciam o método experimental moderno. Depois do doutoramento, fiz as provas até chegar a professor catedrático. Enquanto professor eleito, havia inicialmente por parte de outros professores uma certa alergia. Mas tive com alguns, como o Prof. Borges Macedo, relações cordiais e produtivas do ponto de vista intelectual.

ULISBOA Escreveu sempre sobre a História de Portugal e de um modo muito solitário. Como tem sido rescrevê-la nestes últimos anos?

ABC Desde os tempos de Peniche, julgava necessário fazer uma História de Portugal. Saíram várias, com muito mérito, como a do José Mattoso, a do João Medina, na qual colaborei, a do Oliveira Marques... Quando saí da prisão, durante o curso, e como professor particular, corri o país com arqueólogos. Recolhi imenso material e quando fui lecionar punha os alunos a tentar fazer História. Havia uma boa História de Portugal, de 1940, dita «de Barcelos», em que colaboravam grandes historiadores: Paulo Mereia, um homem de Direito e com uma intervenção notável sobre os concelhos medievais; Lúcio Azevedo; Jaime Cortesão; David Lopes... Este teve alguns problemas, foram-lhe roubados trabalhos.

Sabia árabe e traduziu alguns textos. Um deles era sobre Geraldo Geraldês, ou Geraldo Sem Pavor, que conquistou a cidade de Évora, moçárabe. O texto que traduziu colidia com a conceção de que esse homem fora o libertador de Évora dos muçulmanos. Tenho muitos materiais, comprei muitos livros, sobretudo fontes. Há muitos textos sobre a Idade Média, sobre a época moderna, não tantos sobre o século XVIII ou o domínio filipino, porque eram tempos incómodos. Depois da reforma, estive dois ou três anos indeciso em continuar, embora já tivesse escrito uma espécie de introdução e uma parte ligada à pré-história. Depois, iniciei o processo. Os três primeiros volumes saíram num ano, porque já havia trabalho feito, e os outros mais lentamente. O volume em que estou a trabalhar só em 2019, se eu cá estiver, estará concluído.

ULISBOA Na sua obra, tem-se dedicado mais às épocas medieval e moderna. Porquê?

ABC Comecei a estudar a Idade Média na prisão. Era o material mais fácil de me chegar. Só podia receber um volume de cada vez, e, para receber o segundo, tinha de devolver o primeiro. Isso foi-me útil, porque me obrigava a tirar notas amplas, de que ainda hoje me sirvo. Quando che-

guei à universidade, sentia-me à vontade. Não que descurasse as outras épocas, mas quis aprofundar estas. Até lecionei mais a Idade Moderna e a História dos Descobrimentos, e criei duas cadeiras: A História da Cidade de Lisboa, optativa, e História de África, muito solicitada pelos alunos das ex-colónias. Criámos mestrados de História de África Portuguesa. Hoje, dos ecos que me chegam, os cursos são criados a pensar na empregabilidade, o que é dramático para as ciências sociais e humanas. Qualquer dia não conhecemos o grego, os clássicos, mas só o que vai à televisão.

ULISBOA O seu primeiro livro, *Roseira Verde*, é de poesia. E também publicou ficção e teatro.

ABC Esse pequeno livro inclui os poemas da prisão que publiquei em 1962, quando saí. A poesia acontecia-me quando estava doente. A angústia também nos visita, e a poesia transmite essencialmente isso. Transmite ainda alegria de viver, mas é mais dramática. Há anos que prefiro a prosa. Mas não renego a poesia, e penso publicar uma antologia dos poemas da minha vida.

ULISBOA Escrever História é diferente de escrever ficção?

ABC Sim. Uma coisa é a informação, outra a imaginação para ler essa informação.

O documento tem um lado de luz e outro de sombra; por vezes, o mais significativo é o que está na sombra, e é preciso argúcia e imaginação para o interpretar. Um homem que lia muito bem documentos foi Vitorino Magalhães Godinho. Publicou três volumes sobre a expansão portuguesa, uma edição exemplar. A escrita da História implica a recolha, começar a alinhar conclusões, e, como na pintura, uma composição. Nem todos os factos têm a mesma importância, ou a mesma velocidade. O trabalho de composição é fundamental e não pode obedecer ao que está na moda. A escrita não pode dar a liberdade toda à imaginação: isso é para os romances históricos. Tal não impede que, na descrição de um acontecimento, as palavras não possam ter uma força real, e até beleza.

ULISBOA Uma das maravilhas das *Crónicas* de Fernão Lopes é a atenção dada ao povo. É também uma preocupação sua?

ABC Com certeza. A História não é só feita por reis, bispos e senhores feudais. Quem é que tratava da paparoca para eles comerem? Como se organizava a vida? O Homem, para viver, tem de continuamente reproduzir as suas condições de existência: comida, vestuário, educação, transmissão de conhecimento... A História é feita por todos os gru-

pos sociais. A maior parte dos reis de Portugal não mandou nada, foram verbos de encher, alguns deles verdadeiras anedotas, como Afonso VI e outros. A participação das massas na vida política era feita pela violência. O povo aparece, protesta, quer mais salários, abandona a terra. Os concelhos medievais foram organizações do povo em armas. Por outro lado, não podemos esquecer as minorias, fortes e poderosas: o domínio islâmico no território, durante cinco séculos; e os judeus. Houve outra, cuja expressão é mais débil, mas, do ponto de vista do trabalho, não insignificante: os escravos. Existiram organizados em confrarias iniciadas pela rainha D. Leonor, a mulher de D. João II, que criou a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Essa confraria espalhou-se por vários concelhos do país. Funcionou também no Brasil, e o Padre António Vieira, num domingo, fez um sermão para a Nossa Senhora do Rosário dos Brancos, e, no domingo seguinte, um para a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. E perguntava a si mesmo: «Mas que Nossa Senhora é esta que num domingo é para os brancos, e no outro é para os pretos?»

ULISBOA Tem admiração pela *História de Portugal* de Alexandre Herculano, pelos seus aspetos fundamentais que ainda suscitam incomodidade.

«O documento histórico tem um lado de luz e outro de sombra; por vezes, o mais significativo é o que está na sombra, e é preciso argúcia e imaginação para o interpretar.»

«Nas ciências humanas, não há verdades eternas e universais, a informação renova-se. Uma aula em que se aprende a fazer História deixa mais marcas do que uma puramente recetiva, em que se tira notas e se fica contente porque se desenvolveu as ideias do professor.»

«Nenhum cronista medieval mostra, como Fernão Lopes, tal agudeza em conhecer os vários grupos no desenvolvimento histórico, numa linguagem que é uma maravilha: é um dos fundadores da língua portuguesa.»

ABC O Herculano era democrata. Reagia contra o socialismo do Antero e, sobretudo, do Oliveira Martins. Foi quem melhor viu a realidade dos concelhos medievais. Nos três primeiros volumes sobre história política, o rei era bom ou mau, há muito moralismo. Mas nos três volumes finais, faz história social em pleno século XIX. Foi revolucionário e poeta. É uma figura magnífica. Mas o maior deles todos é Fernão Lopes, o mais universal dos historiadores, chamem-lhe cronista ou o que quiserem. O primeiro volume sobre a história de D. João I é um monumento à escala da Europa. Nenhum cronista medieval mostra tal agudeza em conhecer os vários grupos no desenvolvimento histórico, numa linguagem que é uma maravilha: é um dos fundadores da língua portuguesa.

ULISBOA Em 2018, completam-se os 40 anos da criação do Campo Arqueológico de Mértola, em cuja criação esteve envolvido.

ABC Num primeiro tempo, a Faculdade criou centros de apoio, em Beja e Faro, em que eu e o Cláudio Torres participámos. Corríamos o Alentejo numa *Renault 4L* à procura dos árabes. Quando o ano letivo terminou, um dos alunos, o presidente da Câmara de Mértola, mostrou-nos o concelho. Uma manhã, fui ao castelo e vi uma quantidade imensa de cerâmica de tipo califal. Depois, mostraram-nos um cripto-pórtico. O Cláudio iniciou o campo, com a minha colaboração e a do José Luís de Matos. Ainda estou ligado à comissão científica, mas o trabalho é do Cláudio e dos alunos nestes 40 anos.

ULISBOA Como vê hoje a relação entre a vida em Lisboa e no interior do país?

ABC No meu tempo, o saldo das crianças

no interior era muito elevado. As famílias tinham entre quatro a oito filhos; eu tive sete irmãos. Hoje, vamos ao interior e vemos uma massa de velhos. Chegamos a ver apenas uma casa numa aldeia. A política dos últimos anos, de retirar tudo o que pode dar vida ao interior, condena as populações ao desaparecimento. Se não for alterada, cria-se um deserto. As guerras da Restauração criaram um vazio na fronteira entre Portugal e Espanha, que, depois do 25 de Abril, começou a desaparecer. Mértola é um exemplo: criou relações com as povoações de fronteira, há trabalho com investigadores de Andaluzia e do Norte de África. A política de fazer aldeias turísticas de xisto provoca o esvaziamento da população.

ULISBOA Tem posição sobre a polémica em torno da criação do Museu das Descobertas?

ABC Fui professor de uma cadeira chamada História dos Descobrimientos e da Expansão Portuguesa. Sinto muito orgulho em ter dado essa cadeira. É claro que houve expansão; a palavra pode ser outra, mas é o trajeto dos portugueses pelo mundo fora. Se fizeram maldades? Imensas! Descobriram alguma coisa? Se descobrirem! Quanto ao terrível negócio dos escravos, que teve um papel crucial no desenvolvimento do capitalismo, os dirigentes negros da época não estão isentos de responsabilidade. A escravatura já lá existia. Inicialmente, raptavam-se os escravos para as caravelas. Depois, formou-se um negócio, sem desaparecer o rapto. O nome do museu pode não ser o mais feliz, mas é o que menos interessa. O Brasil foi feito pelo trabalho de escravos, mas também pelo de camponeses imigrados, pelos quadros e dirigentes. Apesar da doutrina evangélica «Amai-vos uns

aos outros», foram épocas de pouco amor nas relações sociais, de ódio, de submissão e de insubmissos. Isso não acabou: a América tem coisas fantásticas, mas há Estados primitivos.

ULISBOA Há algum livro seu pelo qual tenha apreço especial?

ABC Essa pergunta deixa-me muito atrapalhado. *[Risos]* Talvez a *História de Portugal*, por ser o último. A História implica um trabalho de síntese difícil. Deixamos muito na sombra. A preocupação é trazer à luz o que parece ter mais influência no processo histórico. O volume em que estou a trabalhar tem sido difícil, não só pela minha saúde, mas pela matéria em si; não há coisas apaixonantes. No volume sobre a expansão, com o Afonso Albuquerque, o *Terrível*, senti-me realizado. Mas não recuso nenhum.

ULISBOA Disse que, quando Álvaro Cunhal fugiu de Peniche, não tinha fugido porque queria ficar cá e continuar a escrever. Sabia o que queria fazer.

ABC Sim, História. Já tinha escrito o primeiro trabalho, sobre as relações de produção na ilha da Madeira no século XV, «Terras Virgens no Atlântico», que publiquei na *Seara Nova* logo que saí. *A Revolução de 1383 e As Raízes da Expansão Portuguesa* nascem já com muita informação que vinha de Peniche. Era impossível voltar à vida de funcionário político. Tinha muito respeito por aqueles que optaram por permanecer no Partido Comunista, e mantive esse respeito, embora inicialmente eles não tivessem achado muita graça a eu não ter fugido. Nunca me arrependi, e considero que a fuga dos meus companheiros foi um dos grandes acontecimentos na luta contra o fascismo e o salazarismo. •

ANTÓNIO BORGES COELHO E AS RAÍZES ISLÂMICAS DE UMA IDENTIDADE PORTUGUESA

A debilidade relativa dos estudos árabes em Portugal quase se tornou um *topos* de referência obrigatória nas últimas décadas, sobretudo desde que a seminal edição de *Portugal na Espanha Árabe* por António Borges Coelho veio chamar a atenção ao mesmo tempo dos académicos e de um público culto para o deserto de reflexão e conhecimento em torno do impacto da civilização árabe andaluza na formação da identidade portuguesa. Corria o ano de 1972 e a Primavera marcelista esgotara já o melhor das suas expectativas preparando a mudança política que se avizinhava. E, não por acaso, essa chamada de atenção era, então, excêntrica à academia, partindo de um historiador formado na sólida tradição crítica do grupo da Faculdade de Letras de Lisboa, mas ideologicamente hostil ao regime. Do outro lado do Atlântico, quase simultaneamente, um jovem professor em ruptura com a mesma instituição, A. H. de Oliveira Marques, publicava uma História de Portugal em que ao invés de mero prólogo ao tópico da formação do reino, como acontecera com o contributo do grande arabista David Lopes para a «História de Barcelos», a narrativa sobre o Gharb al-Andalus ocupava lugar essencial nessa formação, entendido o processo como resultado de uma osmose entre o Norte cristão e o Sul islâmico.

A rutura implícita com a tradição historiográfica que esta mudança geracional de ponto de vista possibilitava não podia ser maior: em lugar de mero processo de expansão territorial, todos os elementos matriciais estando já presentes num primitivo módulo

nortenho a que a Reconquista se limitara a dar consistência territorial e a necessária escala que possibilitava a sobrevivência, a entidade nacional aparecia como resultado de processos integradores entre o jovem principado nascido nos acidentes políticos da Reconquista e as mais ricas cidades do Sul islâmico; por essa via, o Gharb al-Andalus adquiria um valor em si, não já apenas enquanto oponente vencido, mas como parte da própria identidade portuguesa.

Este deslizamento de perspetiva revelar-se-ia decisivo para a construção de uma História e uma Arqueologia do ocidente peninsular durante o período islâmico, ao mesmo tempo que permitiria redefinir a relação mítica da sociedade portuguesa com as suas origens, sustentando a substituição do arcano paradigma da Reconquista, que imperara até ao Estado Novo, quer nas versões de grande divulgação da História portuguesa, quer na mediévica académica, por modelos mais atentos às raízes mediterrânicas e à profundidade e ancestralidade dos processos de orientalização, lidos muitas vezes do lado do tempo quase imóvel da Antropologia.

Por todas estas razões, *Portugal na Espanha Árabe* de António Borges Coelho mantém-se como um marco incontornável na historiografia portuguesa, não propriamente por ter introduzido a leitura das fontes do «outro», mas por ter permitido perceber a uma comunidade desatenta a complexidade e multiplicidade das suas próprias origens.

Hermenegildo Fernandes
Diretor do Centro de História da Universidade de Lisboa.



JARDIM BOTÂNICO DE LISBOA

UM OÁSIS NA CIDADE

O Jardim Botânico de Lisboa festeja este ano o seu 140.º aniversário. Reabriu em abril, após um ano e meio de obras de requalificação. A cidade recupera assim um dos seus principais espaços verdes, conhecido pela variedade da sua coleção botânica, e cuja beleza, paz e frescura contrastam com o bulício das artérias envolventes.

Fotografias © César Garcia

Classificado como Monumento Nacional desde 2010, o Jardim Botânico de Lisboa, gerido pelo Museu Nacional de História Natural e da Ciência, foi alvo de requalificação no âmbito do Orçamento Participativo de Lisboa 2013, com o projeto «Proteger, Valorizar e Promover o Jardim Botânico de Lisboa», na categoria dos 500 000 euros. As obras iniciaram-se no final de 2016, e a sua complexidade levou a que se concluíssem em abril deste ano. As intervenções foram sobretudo infraestruturais: a recuperação do pavimento, trilhos e escadarias; a ampliação e o melhoramento das condutas de rega, cuja separação do sistema das águas pluviais terá um grande impacto ambiental, reduzindo o desperdício de água e os custos de manutenção; a reparação e impermeabilização do lago principal – o Lago de Baixo –, esvaziado durante vários anos por estar fissurado; a restauração do gradeamento e do mobiliário; a instalação de novas redes elétricas no subsolo; a reparação das instalações sanitárias; a substituição das papelarias e dos bebedouros. Entre estes melhoramentos necessários e aparentemente discretos, há uma novidade bem visível: o anfiteatro de betão, construído de raiz numa clareira do Arboreto, ideal para atividades culturais e didáticas, ou simplesmente para o repouso dos visitantes. O Prof. Jorge Mealha, da Faculdade de Arquitetura, considera que o novo anfiteatro foi concebido de modo adequado no que se refere à localização, à escala, à forma e à matéria, apresentando-se inserido de modo equilibrado no espaço envolvente.

A entrada no Jardim é feita pelo acesso do lado direito do Museu, na Rua da Escola Politécnica. Perfazendo quatro hectares, divide-se em duas partes distintas: a Classe e o Arboreto. Em cima, entre o Museu e as traseiras dos edifícios e quintais da Rua do Salitre, encontra-se a Classe, com um hectare, neste momento encerrada ao público, com obras a decorrer (já não contempladas



A ave exótica *Psittacula krameri* alimentando-se do fruto de *Harpephyllum caffrum*, do sul de Moçambique

Ficus macrophylla, *Ficus sur* e sebe de buxos na Classe do Jardim

O jardineiro Jules Daveau plantou no cimo as espécies habituadas a climas quentes e secos, como as carnudas, e em baixo as que precisavam de mais humidade; ao crescerem, criou-se um microclima, e hoje chega a haver dois ou três graus centígrados de diferença entre as zonas superior e inferior do Arboreto.

pelo Orçamento Participativo, mas a cargo da ULisboa). A Classe alberga o edifício da biblioteca e do herbário, e o Lago de Cima, em torno do qual estão dispostos os tabuleiros com as plantas de menor dimensão; é delimitada de um dos lados pelo Observatório Astronómico da Escola Politécnica, perto do qual está implantado o busto de Bernardino António Gomes, Filho (1806-1877), médico e professor da antiga Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. A parte inferior do Jardim, onde estão as grandes árvores e plantas de quase todos os continentes do mundo, é o Arboreto, com três hectares. A comunicação entre a Classe e o Arboreto é feita por uma escadaria, em cuja parte superior se encontra o busto do Dr. Bernardino António Gomes, Pai (1768-1823), médico e farmacologista, conhecido por ter isolado da casca da quina a cinchonina, para o tratamento do paludismo através do quinino. Uma curiosidade interessante: uma das têmporas deste busto está perfurada por uma bala, e há marcas de projéteis de artilharia nos troncos das palmeiras em seu redor, que se pensa provirem do golpe de 7 de fevereiro de 1927, em que tropas governamentais e revolucionárias se confrontaram no Jardim.

O Jardim procurou, desde a sua fundação, incluir espécies representativas dos diferentes *habitats* e ecorregiões do mundo inteiro, e das coleções botânicas mais importantes. A Classe já existia enquanto horto botânico desde os primórdios do edifício do Museu – primeiro, Casa do Noviciado da Cotovia, depois, Colégio dos Nobres, mais tarde, Escola Politécnica, posteriormente, Faculdade de Ciências, e por fim Museu. Já o Arboreto começou a ser plantado em 1873, tendo sido oficialmente fundado em 1878, ano que corresponde à publicação do seu primeiro catálogo de sementes. Foi o conde de Ficalho, com o Professor Andrade Corvo, da Escola Politécnica, que impulsionou a fundação de um jardim para o estudo e o ensino da botânica



O novo anfiteatro do Jardim, localizado no Arboreto
Vista para o Castelo de S. Jorge.
Imagem obtida a partir do telhado do MUHNAC

nessa escola – até então, era usado para tal fim o Jardim Botânico da Ajuda, o que implicava uma deslocação incómoda. O novo Jardim começou a ser esboçado no plano superior, e só depois se procedeu ao ajardinamento da parte inferior, uma quinta com olival, vinha, pomar e terreno para cultivo de cevada, milho, fava e batata – os primórdios do Arboreto. Com o objetivo de criar uma coleção científica, o Conde de Ficalho encarregou da organização do novo horto da Escola Politécnica o jardineiro alemão Edmund Goeze. De 1876 a 1892, foi Jules Daveau o jardineiro-chefe, e a ele se deve o Arboreto como o conhecemos. Daveau é considerado um visionário por ter conseguido acomodar no terreno da encosta espécies do mundo inteiro sem ter recorrido a estufas. Enquanto no cimo plantou as espécies habituadas a climas quentes e secos, com necessidade de maior exposição solar, como as carnudas, em baixo plantou as que precisavam de mais humidade; ao crescerem, criou-se um microclima, e hoje chega a haver dois ou três graus centígrados de diferença entre as zonas superior e inferior do Arboreto. É também de Daveau a auto-

ria do traçado da «Avenida das Palmeiras», uma das imagens de marca do Jardim, que desce até ao portão que dá para a Rua da Alegria, neste momento fechado.

Para saber um pouco mais sobre a história e as cerca de 1500 espécies do Jardim, juntámo-nos a Raquel Barata, botânica e coordenadora do Serviço Educativo do Museu, numa visita guiada ao Jardim. A primeira paragem foi junto ao grande dragoeiro, guardião do Arboreto, a cujo pigmento extraído da sua seiva se dá o nome de «sangue de dragão»; nativo da Macaronésia – região que engloba as ilhas dos Açores, Madeira, Cabo Verde e Canárias –, é hoje uma espécie protegida. Descemos a Avenida das Palmeiras e observámos a riquíssima coleção de cicadófitas, incluindo cicas, com a aparência de fetos gigantes, plantas do tempo dos dinossauros. Ao contrário das palmeiras, que apareceram na Terra mais tarde, não dão flor e fruto, mas pinha. Além da coleção de palmeiras e de cicadófitas, o Jardim é também conhecido pelas araucárias. De uma destas, a *Bunia-bunia*, proveniente da Austrália, não nos pudemos aproximar, pois as suas pinhas,

que podem atingir dez quilos, estão em época de queda. Como brinca Raquel Barata, tal como se diz que «uma pessoa está com a telha, no Jardim diz-se que a *Bunia-bunia* está com a pinha». Vimos também exemplares da sumaúma, da América do Sul, e do teixo, árvore nacional de Inglaterra, cuja reprodução depende dos pássaros, e que em Portugal está em extinção, à semelhança do azevinho. Observámos ainda espécies mais comuns no nosso país, como faias, oliveiras, alfarrobeiras e canforeiras.

À passagem pela ponte sobre um riacho seco, vimos um sicómoro e, ao seu lado, a árvore-do-imperador. Diz-se que foi oferecida pelo imperador D. Pedro II do Brasil ao conde de Ficalho, por se tratar de uma espécie nobre da mata atlântica, a preferida do Imperador, e cuja madeira foi usada até à exaustão na construção de embarcações. O Jardim Botânico de Lisboa é um dos seis no mundo que têm um exemplar vivo desta espécie, que, desde que aqui está, só teve sementes férteis uma vez: o resultado, a crescer muito lentamente, pode ser visto no Jardim Botânico Tropical. Chegámos enfim ao anfiteatro, de onde se tem uma vi-

O Jardim é um dos seis no mundo que têm um exemplar vivo da árvore-do-imperador, que, desde que aqui está, só teve sementes férteis uma vez: o resultado, a crescer muito lentamente, pode ser visto no Jardim Botânico Tropical.

Tratando-se de uma exposição viva e em constante mutação, o Jardim terá em breve novos painéis informativos e de sinalética, que complementarão a requalificação recentemente realizada.



Escadaria do Jardim com o busto de Bernardino António Gomes (pai), em baixo, e de Bernardino António Gomes (filho), em cima

Fotografia macro de sementes de *Clematis flammula*

são panorâmica de muitas espécies do Jardim, desde palmeiras das Canárias a áceres (cuja folha está representada na bandeira do Canadá), passando por palmeiras anãs, a única palmeira que cresce naturalmente em Portugal, também conhecida por palmeira das vassouras, e uma *Ginkgo biloba*. Subindo de volta para a entrada do Jardim, parámos perto do cipreste dos pântanos, de raízes que crescem acima do solo para poderem respirar – caso contrário, apodreceriam –, comportando-se geneticamente como se estivesse dentro de um pântano no hemisfério Sul, o seu *habitat*.

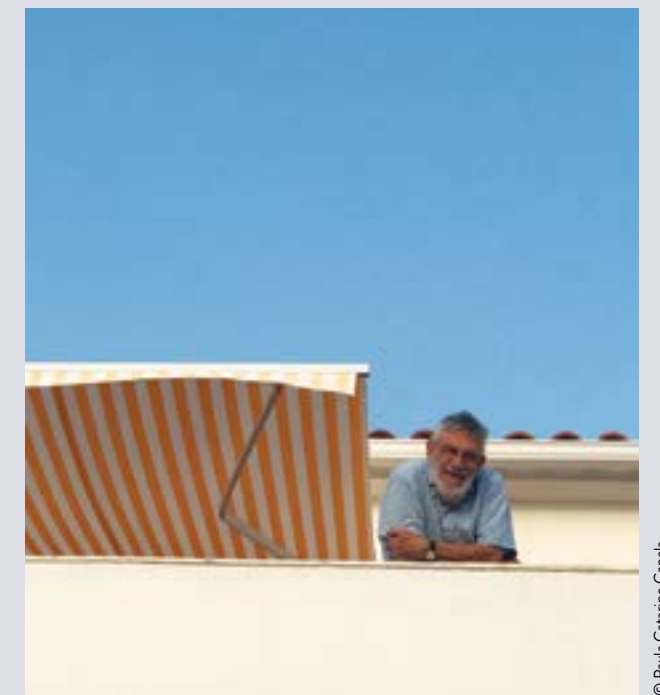
Tratando-se de uma exposição viva e em constante mutação, o Jardim terá em breve novos painéis informativos e de sinalética, que complementarão a requalificação recentemente realizada. Como observa o Prof. José Manuel Pinto Paixão, vice-reitor, um jardim botânico sem boa identificação é menos atraente aos visitantes. Este projeto está a cargo dos Serviços Educativos do Museu e da Câmara Municipal de Lisboa, que fez uma proposta de sinalética oficial para o Jardim, aprovada pela Direção Geral do Património. Os novos painéis, com *design* da arquiteta Susana Jesus, da Câmara, distinguem-se dos anteriores (grandes, opacos e ilustrados com fotografias) pela leveza, transparência e elegância: serão em acrílico transparente, com letras cinzentas sobre fundo translúcido, e ilustrados com desenhos científicos, a cargo do Prof. Pedro Salgado e dos seus alunos. Raquel Barata,

que redigiu os textos informativos, com a preciosa colaboração de Ireneia Melo, botânica aposentada, explicou que haverá painéis maiores, de sinalética, com uma planta do sítio e identificação de percursos; painéis de tamanho médio, com a identificação das coleções, ilustrados; e 27 painéis mais pequenos, sobre a espécie particular, com a ilustração do hábito da planta e das suas estruturas isoladas, além de informação bilingue. Em desenvolvimento está também um projeto em que, por meio de uma aplicação para o telemóvel, se terá acesso a informação sobre plantas e espécies (as *talking trees*); o projeto, em teste no Jardim Botânico Tropical, reúne equipas das Faculdades de Ciências, de Letras, Belas-Artes, Arquitetura e IGOT. O projeto contempla ainda a medição de variáveis ecológicas no Jardim, como temperatura, som, exposição da área foliar e captação de dióxido de carbono. Com os equipamentos adequados, incluindo câmaras, será possível não só identificar espécies botânicas e zoológicas, mas também analisar a importância ecológica dos jardins botânicos. Raquel Barata dá um exemplo: num estudo sobre musgos e líquenes que os investigadores do Museu fazem há vários anos, comprovou-se que o Jardim tem um efeito «tampão» relativamente à poluição da Avenida da Liberdade, a artéria mais poluída da cidade, onde não há líquen nem musgo que sobreviva. Espera-se que os painéis possam ser instalados já no próximo ano. •

PROFESSOR FERNANDO CATARINO

Professor jubilado da Faculdade de Ciências, foi durante 20 anos diretor do Jardim Botânico, do qual é profundo conhecedor, e onde, como costuma dizer, estão «os melhores quatro hectares de Lisboa». Foi no Jardim que, em 2002, deu a última lição, no dia em que completou 70 anos. Fomos ouvir as suas histórias de plantas, e não só. Começou a dedicar-se à Botânica quase por acaso. Filho de pequenos agricultores e industriais de madeiras da região de Ourém, fez a escola comercial e um curso industrial; no curso dos liceus, uma professora e um professor ajudaram-no a descobrir os encantos da Botânica – que já conhecia, pois viveu sempre perto das plantas e dos ritmos da agricultura. Entrou em 1952 no curso de Biologia na Faculdade de Ciências, embora com hesitação, porque também gostava de Arquitetura e de Engenharia. «Na altura, os engenheiros e os arquitetos levavam dez anos a acabar o curso, e eu não podia estar tanto tempo a viver à custa dos meus pais», graceja. Foi em Ciências que conheceu a mulher, Maria Antonieta Nunes, também estudante de Biologia, e «com notas sempre melhores», diz com orgulho. «Ela teve depois uma carreira de investigação brilhante, em fisiologia dos cafés; o Professor Flávio Resende, um dos antigos diretores do Jardim, tinha uma grande admiração pela sua capacidade intelectual, dedicação e criatividade. Reparámos um no outro numa saída de campo a Monsanto, em que também fiquei admirado por alguns colegas não serem capazes de distinguir batatas de morangueiros.» Fernando Catarino doutorou-se em citogenética, seguindo o trilha do Prof. Resende, que se especializara no cancro nas plantas. «Foi um professor que me marcou muito, pela visão das coisas, por ser capaz de se rir de si mesmo, e não ir na corrente. Contava que, na Alemanha, quando se descobria uma espécie nova, os cientistas ficavam quase zangados, porque era uma vergonha que ninguém o tivesse feito.» Por volta de 1972, esteve com o botânico alemão Hans Linskens na Universidade Católica de Nijmegen, a acabar a tese e a fazer trabalho experimental. «O meu estudo inicial foi sobre a razão por que ficam tão gordas as células das plantas que vivem perto do mar; algumas, como o tamariz, até segregam sal.» Estudou a salinidade nos sapais à volta do estuário do Tejo, deu aulas de Anatomia, de Fisiologia, de Sistemática, de Ecologia, e usou sempre o Jardim nas suas aulas, estimulado pelas memórias dos professores que o antecederam. Um deles foi Carlos das Neves Tavares, especialista em líquenes. «Este jar-

dim é um laboratório vivo; temos líquenes do tempo em que o Arboreto era um campo de oliveiras e de trigo.» Em tudo quanto diz se sente que é um apaixonado do Jardim: «Quando vamos pelo Arboreto abaixo, temos a ilusão de estarmos na América do Sul, na mata atlântica, em Goa; esquecemo-nos de que estamos na cidade.» Observa que «os jardins botânicos têm uma função social e de cidadania muito importante; são centros de educação, de apoio ao ensino: eu fiz centenas de visitas a alunos, da pré-primária à universidade», e defende a necessidade de se tratar os jardins como conservatórios da biodiversidade. «Temos aqui muitas espécies que já não há na Natureza ou estão em gravíssimo perigo de desaparecimento; se for necessário, somos capazes de as propagar.» Acrescenta que é preciso que as pessoas usufruam dos jardins botânicos como sítio de deleite e de lazer, «um lazer que não deve ser passivo: o visitante tem de ser espevitado e curioso, tem de querer saber, caso contrário é como um turista que conhece a cidade a bordo de um *Tuk Tuk*».



© Paula Catarino Capela



MARIA LUÍS BORGES DE CASTRO

«A PSICANÁLISE É CRIATIVA, ABRE NOVOS CAMINHOS.»

Maria Luís Borges de Castro é psicanalista.

Fotografia © Helena Carneiro

ULISBOA Foi duas vezes aluna da Universidade de Lisboa.

M. L. BORGES DE CASTRO Entrei primeiro em Ciências, onde fiz três anos de Geofísica. Acabei o liceu muito cedo, e quis ir para Medicina, mas a família não o aceitou bem – uma menina da alta burguesia não ia para Medicina. Como gostava do Einstein, pensei ir para Física, mas nunca perdi a ideia de ser médica. Apanhei a crise de 1962, que me fez despertar para a polí-

tica, e talvez até não desistir de Medicina. Nunca me esquecerei de ter visto a polícia bater no professor Cintra. Saí de Ciências e fui trabalhar para o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em sismos, como ajudante de experimentador. Conheci lá pessoas fantásticas, como o Gustavo de Castro, um matemático português. Inscrevi-me em Medicina enquanto estava no Laboratório, o que se revelou incomportável, porque trabalhava oito horas por dia. Fui

para professora do secundário e já consegui ir às aulas práticas do curso. No quinto ano, fui convidada para monitora; dei aulas de Histologia e Embriologia. Saiu depois uma lei, em Medicina, em que tínhamos de decidir entre a carreira docente ou clínica. Como queria ser médica, tive de prescindir da carreira académica.

ULISBOA Que especialidade escolheu?

MLBC Fiz Psiquiatria em Portugal, e Pedopsiquiatria – na altura chamava-se

psiquiatria da infância e da adolescência – em Paris.

ULISBOA Porquê Psiquiatria?

MLBC Decidi ir para Psiquiatria porque estava interessada na Psicanálise. E comecei logo a minha análise. Concorri depois a uma bolsa de estudo do governo francês e fui para Paris, onde fiz Pedopsiquiatria no Centre Alfred Binet. Estive lá quatro anos. Quando voltei, tive de fazer exames à Ordem: fiz de Psiquiatria e de Pedopsiquiatria, tenho as duas especialidades. Exerci só esta última, concorri para o Hospital Dona Estefânia, onde cheguei a chefe de serviço. Segui todos os trâmites da formação da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e hoje sou presidente da Assembleia Geral.

ULISBOA Como foi a experiência de análise?

MLBC Comecei a análise em Portugal logo que entrei na Psiquiatria, com o Francisco Alvim, um dos fundadores da Sociedade. Fiz cá quatro anos, e em Paris fiz mais quatro anos, com o Pierre Luquet. Foram os meus mestres. Lá, entrei na outra SPP [Société Psychanalytique de Paris]. Quando voltei, comecei logo a ser analista.

ULISBOA Enquanto era pedopsiquiatra?

MLBC Fiz a carreira hospitalar no Hospital Dona Estefânia. O Coimbra de Matos era o diretor do departamento, que na altura ainda era o Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa, fundado por João dos Santos, grande amigo.

ULISBOA A formação médica ajudou-a na Psicanálise?

MLBC Para ser psicanalista, não é preciso ser médico. Mas acho que a Medicina me fez bem: por um lado, só os médicos podiam chefiar as equipas, portanto pude mais facilmente introduzir os aspetos di-

nâmicos, isto é, escolhia as pessoas de acordo com o meu pensamento dinâmico; por outro lado, na própria relação com as crianças, é fundamental ser-se médico. Há situações de doença que podem passar despercebidas a um psicólogo.

ULISBOA Consegue perceber o que pode ser tratado pela Psicanálise.

MLBC Sim, separar o trigo do joio. Uma coisa anedótica: um indivíduo sente dores de cabeça, está deprimido, vai para o psicanalista ou psicólogo, começa uma análise, e depois sente dificuldades de locomoção: tem um tumor no cérebro. Sempre que tenho queixas ligadas a coisas somáticas, primeiro falo com um médico. Hoje consigo intuir mais facilmente que pode haver ali algo que não é para a Psicanálise. O que é para mim a Psicanálise? É uma relação estabelecida com alguém que ajuda a vivenciar o passado, a reviver as situações de ansiedade, angústia, ou depressão, através de uma transferência para o analista das situações recalçadas, não vividas, ou rejeitadas.

ULISBOA Sente uma separação maior entre psiquiatras e psicanalistas?

MLBC Cada vez mais. Tenho de confessar: acho que a Psicanálise não é para toda a gente, continua a ser para uma certa elite. Tenho lutado, e continuo a lutar, para que haja nos institutos de psicanálise condições para que quem não possa pagar uma análise o possa fazer ali. Os psiquiatras têm estado cada vez mais na linha das neurociências, e convenceram-se de uma coisa errada: de que as neurociências vão destruir a Psicanálise, porque é tudo neurologia.

ULISBOA Estão convencidos de que não há inconsciente?

MLBC Acabaram com o inconsciente: chamam-lhe a teoria da mente. Criou-se

«Tenho lutado, e continuo a lutar, para que haja nos institutos de psicanálise condições para quem não possa pagar uma análise.»

uma animosidade, que penso que tem que ver com o elitismo. Há mais psiquiatras invadidos pelas teorias cognitivo-comportamentais, e pelo organicismo, em que as pessoas são olhadas como um cérebro e não como uma pessoa.

ULISBOA Há a ideia de que as crianças são cada vez mais, e mais cedo, medicadas.

MLBC As gerações de pedopsiquiatras a seguir à nossa, como apanharam esta contra atitude em relação à psicanálise, já não são psicanalistas, muitos não fizeram sequer formação analítica. Tratam as crianças como se tratam os adultos: dão-lhes neurolépticos, e muito metilfenidato, uma droga para a hiperatividade com défice de atenção. No nosso tempo quase não medicávamos as crianças. É mais barato tratar uma criança com medicamentos do que fazer um seguimento três vezes por semana, gratuitamente, como fazíamos. A formação dada aos médicos e os aspetos financeiros contribuem para que cada vez se medique mais as crianças.

ULISBOA A Psicanálise cura?

MLBC A Psicanálise não é um objeto curador. Analistas não são curadores. Somos pessoas que, estando com os outros, conseguimos fazer com que se modifiquem interiormente. Normalmente, modificam-se para melhor. Há pessoas que chegam de rastos, sem dormir, e a quem digo: «Deixe lá esses medicamentos; vamos conversar.» E a pessoa faz um caminho – longo. Por vezes não é preciso uma psicanálise ortodoxa, de três vezes por semana em divã; basta uma psicoterapia de orientação analítica. As pessoas parecem abrir-se como uma flor. Começam a perceber e a perceber-se. Ficam mais felizes – é o que quero. Não quero curar ninguém, quero que as pessoas fiquem melhor, o que é diferente.

«Só deixará de haver Édipo quando passarmos a nascer da proveta.»

«A única possibilidade de mudar a estrutura é através da análise; os outros métodos apenas corrigem coisas.»

ULISBOA O que pensa de Freud?

MLBC Há dois génios na nossa época: o Einstein e o Freud. Do nada, criaram tudo. Freud é um símbolo. Para tratar as crianças, a linha freudiana é importante porque tudo vem da neurose infantil, que não é mais do que a situação edipiana descrita por Freud.

ULISBOA Há sempre Édipo?

MLBC Só deixará de haver Édipo quando passarmos a nascer da proveta (e o admirável mundo novo não está assim tão longe). Desde que haja relação amorosa entre duas pessoas e nascer um terceiro dessa relação, irá sempre haver triangulação. Logo, toda a vida da criança vai jogar-se com a ideia de que «um deles é o meu rival e o outro é a pessoa que eu amo». Isto é tão simples! E comprovadíssimo.

ULISBOA Que características deve ter alguém que queira dedicar-se à saúde mental das crianças?

MLBC Para se estar com crianças é preciso ter-se vivido bem a própria infância. Um adulto com uma infância infeliz, ou muito controlada, não tem paciência para as crianças. As crianças são devoradoras, exigem de modo omnipresente. É preciso estar-se tranquilo e ter uma resolução interna da nossa agressividade. Sem isso, temos tendência para sermos agressivos com as crianças.

ULISBOA O que é a resolução da agressividade?

MLBC Todos somos agressivos. A agressividade é útil para o nosso desenvolvimento. É com agressividade contra mim própria

que estou a dar esta entrevista, porque estava melhor a passear lá fora. Mas trata-se de uma agressividade construtiva, que me dá aspetos de valorização narcísica e a noção do dever cumprido. É bom para mim e para os outros, que obtêm de mim alguma coisa. Não se deve confundir com a violência, que é agressividade não elaborada.

ULISBOA Ir trabalhar todos os dias significa que se elaborou a agressividade.

MLBC Claro. Significa que parte da agressividade foi suficientemente elaborada. Se for trabalhar com gosto, há motivos externos – gostar do que faz – e motivos internos – a agressividade dar prazer. Não funcionamos sem prazer. Os trabalhos forçados são aqueles a que é tirada toda a situação prazenteira.

ULISBOA A Psicanálise dá respostas a que não conseguiríamos chegar sozinhos?

MLBC A Psicanálise não serve para descobrir o que nos aconteceu, mas, no processo, fazem-se descobertas – associações que, de outro modo, não se fariam. A Psicanálise é criativa, abre novos caminhos, ajuda as pessoas a criar dentro delas novas soluções, situações, ideias, juízos, raciocínios. No fim de uma análise, queremos que uma pessoa tenha mudado de estrutura. A única possibilidade de mudar a estrutura é através da análise; os outros métodos apenas corrigem coisas. Como a análise é uma vivência, foi difícil passar isto aos meus alunos quando dei aulas na Faculdade de Psicologia: as palavras não chegam.

ULISBOA O analista tem de sentir afeto pelo analisando?

MLBC Antes de começar uma análise, faço duas ou três entrevistas com a pessoa para perceber se sou a analista indicada. Nunca começo uma análise sem ter a certeza de que me sinto bem com ela. Não lhe posso ter animosidade. Caso contrário, não consigo ajudar. Tenho de estar neutra e livre da minha violência. Não se trata de «gostar». Hoje tenho amigos ex-analisandos e gosto deles; quando eram meus analisandos, estava apenas no meu papel.

ULISBOA Há um par ideal de analista-analisando? É recomendável que uma analisanda tenha um analista homem ou vice-versa?

MLBC É indiferente. Importante é perceber a problemática da pessoa e os mecanismos de defesa. Se o problema for o abandono materno, então é melhor começar a análise com uma mulher. Se for uma problemática sexual pesada, é melhor que analista e analisando sejam do mesmo sexo. Se a questão for com um pai fálico, poderoso, então é melhor começar a análise com um homem.

ULISBOA Como se sabe que a análise terminou?

MLBC Muitas vezes, ainda se vai a meio do caminho e o analisando começa a dizer que estamos a terminar. Outras vezes, tanto analista como analisando percebem e estão de acordo. É o que me tem acontecido mais vezes. ●



CARMO SOUSA LIMA

«A PSICANÁLISE É, PARA MIM, UMA CONTINUIDADE DA FILOSOFIA.»

Carmo Sousa Lima é psicanalista.

Fotografias © Duarte Pinheiro

ULISBOA Como se passa da Filosofia para a Psicanálise?

CARMO SOUSA LIMA Era jovem e vim dos Açores estudar Filosofia para Lisboa. O Prof. Oswaldo Market foi marcante. Talvez fosse demasiado imatura para apreciar outros, como o Manuel Antunes. As cadeiras de opção – Geografia, Literatura, História do Cristianismo – foram muito importantes, com professores especiais, como o Honorato Rosa, Vitorino Nemésio, Jorge

Dias. Às vezes não ia às aulas, havia cadeiras chatas, dificuldade em obter livros, a biblioteca era pobre. No fim do curso, comecei a trabalhar umas horas num consultório de Psicologia e tive o primeiro contacto com a Psicologia da Criança. Descobri que havia um departamento de Psicologia na Faculdade, orientado pelo Prof. José Ferreira Marques, e tive aí um segundo trabalho. Estávamos no 25 de Abril, os cursos de Psicologia começavam a aparecer. Fui para Lovaina, onde

fiz uma pós-graduação em Psicologia Clínica da Criança. Entusiasmava-me a ideia de como começamos a pensar, como nos conhecemos. A Psicanálise é, para mim, uma continuidade da Filosofia.

ULISBOA Quando escolheu Filosofia, o que pensava vir a fazer?

CSL Queria fazer Filosofia. Ou algo ligado à escrita. Eventualmente ensinar Filosofia. Voltar aos Açores e dar aulas no liceu Antero de Quental, em Ponta Delgada – um sítio



«Freud é o grande génio, o pai de nós todos. Sem Freud, não vale a pena ler mais nada.»

«Temos este impulso para conhecer, que nos pode proteger de fazermos maus negócios com a vida, que não são honestos nem conosco nem com a vida.»

especial. Agora também ensino, dou formação na Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

ULISBOA E depois de Lovaina?

CSL Regressei para dirigir o serviço de Psicodiagnóstico em Pediatria no hospital de Alcoitão. Ganhei então uma bolsa de especialização no centro Alfred Binet de saúde mental infantil em Paris. Tinha uma orientação completamente psicanalítica. Eu andava com os pés fora do chão, a conhecer coisas de que nunca ouvira falar. O tema de trabalho daquele ano era a sexualidade. Tive aí contacto com a Psicanálise e reencontrei a minha infância. Nasci num sítio especial, com a natureza toda viva, a tremer, a lançar fuminhos... Um lugar de maravilha e de terror, como a própria infância. Que bom não haver psicólogos na época, senão tinha passado a vida neles.

ULISBOA Enquanto psicanalista, teve de fazer análise.

CSL O estágio em Paris mudou a minha vida, e o regresso coincidiu com uma fase pessoal complicada. Pensei que gostaria de

fazer análise. Fui a uma reunião na Faculdade de Direito com os grandes psicanalistas da época. Foi delirante, queriam pendurar os psicanalistas, consideravam que era uma arte burguesa. Um deles ria-se muito e pensei que, se fizesse análise, seria com ele. Era o Dr. Francisco Alvim, e passados dois meses procurei-o. Não comecei a fazer análise para ser psicanalista, foi para a minha vida. O meu analista fez-me pensar que podia ser analista. Contactei a Sociedade e entrei na formação. Tornou-se a maneira de ganhar a vida, mas primeiro é uma paixão, e depois uma profissão.

ULISBOA Como foi a sua análise?

CSL Quatro vezes por semana, durante cinco anos. Vivia para aquilo, sem dinheiro para mais nada, mas não me importava. Foi um tempo exaltante.

ULISBOA Do que fala uma criança na Psicanálise?

CSL Brinca. E fala muito. Brincamos no chão com ela. Trabalhamos o material como se fosse um sonho. Os pais não estão

na sessão, e uma ou duas vezes por mês falam com o terapeuta. Comecei a interessar-me pelo autismo e psicoses infantis. Todos os meses, durante 13 anos, ia a Oxford levar os meus casos a Donald Meltzer, pós-kleiniano ligado à psicanálise de crianças. Em Portugal, era tudo muito freudiano, e para quem trabalha com crianças o contacto com as teorias kleinianas e pós-kleinianas é indispensável. Hoje evita-se estas designações porque sugerem uma ideologia, ou um clube. Dizem que sou uma pós-kleiniana.

ULISBOA E Freud?

CSL É o grande génio, o pai de nós todos. Tenho-lhe um respeito reverencial e conheço bem a obra. Sem Freud, não vale a pena ler mais nada. Tem de se começar por lê-lo bem. E há uma genealogia: Freud, Klein, Winnicott, Meltzer, o Bion, que agora é moda – isto também tem modas. Houve para mim um texto de Freud iniciático, fundador: «O Pequeno Hans». Um pai conversa com o filho, escreve ao Freud relatos das conversas e Freud interpreta. A

criança sabe, e pergunta se este Sr. Freud é Deus. É uma criança de quatro anos com fobia a cavalos. Como na época as ruas estão cheias de cavalos, é problemático. Hans é um pequeno filósofo, quer saber de onde vem, para onde vai. A Psicanálise continua a Filosofia: questiona a vida mental, quem somos, porque pensamos, o que pensamos, o que é pensar. À boa maneira de Heidegger: «Was ist das?» – «O que é isto?» Há uma linha psicanalítica inspirada em Heidegger, mas, do ponto de vista terapêutico, não acredito nos resultados. Não me interessa apenas compreender, também me interessa a cura, aliviar o sofrimento.

ULISBOA Que pensa do lugar-comum de o analisando estar a falar enquanto o analista dorme?

CSL São caricaturas engraçadas, mas nada disto é assim. Como diria um professor meu, o analista ou interpreta ou não diz banalidades; as pessoas não nos pagam para ter uma conversa de café. O analista fala, interfere, interpela, mas é diferente de um face a face. Eu não vejo a pessoa, ouço-a; a pessoa não me vê, ouve-se e ouve-me.

ULISBOA Implica um grau de confiança maior.

CSL Claro. Há pessoas que não conseguem. Acho admirável uma pessoa pôr toda a sua atenção, inteligência, afeto, a ouvir. É bizarro, claro, porque as pessoas não se conhecem. Parte de uma confiança que não pode ser forçada. Há psicoterapias de inspiração analítica, acompanhadas de interpretação, que correm lindamente face a face.

ULISBOA O autoconhecimento leva à cura?

CSL Dizer só autoconhecimento é redutor. Procura-se a verdade de nós próprios, dos nossos afetos, da nossa reconciliação com o passado. Somos o que está mais à mão de semear, e nunca nos conhecemos. Mas temos este impulso para conhecer, que nos pode proteger de fazermos maus negócios com a vida, que não são honestos nem conosco nem com a vida. Isso tem custos de saúde mental e física – como na canção

do Variações, «quando a cabeça não tem juízo, o corpo é que paga». Muitas queixas são psicossomáticas. A liberdade de pensar cura, e a preconceção e o medo de pensar fazem adoecer. Mesmo quando se tem queixas específicas – ataques de pânico, fobias –, isso está sempre a falar de outra coisa. Às vezes temos de fazer um caminho periférico, como quando limpamos um jardim; vamos tirando as ervas daninhas e depois chegamos a pontos mais difíceis, onde temos de trabalhar com cuidado – e as pessoas estão no seu direito de dizerem «não quero mexer mais». É um trabalho de autoconhecimento, de verdade, de coragem de pensar.

ULISBOA Também de paciência?

CSL É um trabalho demorado. Uma das razões para a chamada crise da Psicanálise tem que ver com a relação com o tempo e com o espaço. Uma colega francesa dizia-me que em Paris estão a escolher os analistas pelo bairro. No meu tempo, levava uma hora para chegar, tinha uma sessão de 45 minutos, e depois era outra hora para casa. Ia no 27, e dizia: «Doutor, quando acabar, hei de escrever um livro sobre as paragens do 27.»

ULISBOA A doutora escreve.

CSL Pouco. Sou muito preguiçosa. Publiquei três livros de poesia e outro que estimo muito sobre o António Dacosta, o pintor-poeta açoriano, que viveu em Paris. Tenho uma paixão por pintura e artes plásticas. Há pouco tempo, saiu este livrinho, *Em que sítio da minha cabeça levo a Maria do Carmo?* É um resumo de um trabalho que apresentei na Sociedade Portuguesa de Psicanálise para passar a titular. O Vasco Santos, um colega que é também editor, publicou-o; dizia que era portátil e potável. [Risos]

ULISBOA Na sua escrita está muito presente a relação com a arte.

CSL A cultura também é um objeto de amor, um objeto interno. Coitado do psicanalista que não tenha interesse pelos objetos de cultura. A pintura, a literatura, a arquitetura mostram-nos quem somos.

Fico mal impressionada com colegas que só leem psicanálise.

ULISBOA Na série de televisão *In Treatment*, o analista dizia-se cansado da profissão. Alguma vez o sentiu?

CSL Não. O analista é responsável pela sua saúde mental e equilíbrio emocional, e é uma pessoa. Se eu estiver de luto, há risco de isso influir na minha disponibilidade. Há uma história gira do Winnicott: no dia em que um dos pais morreu, ele foi trabalhar e ninguém deu por nada, mas um menino de quatro anos viu-o e disse: «O doutor hoje está triste.»

ULISBOA Quantas horas trabalha por dia?

CSL Já trabalhei muito mais. Mais jovem, trabalhava oito horas por dia. Hoje, a média são seis pacientes. Também faço supervisões, que não exigem o mesmo tipo de atenção. Já não faço psicanálise de crianças, pois exige que o terapeuta seja razoavelmente jovem e disponível.

ULISBOA A Psicanálise ainda é considerada um luxo burguês?

CSL Não como há uns anos. Achava-se que era só para quem tinha dinheiro, e havia um preconceito: os intelectuais da linha francesa tinham um certo *panache* em fazerem psicanálise. Hoje não. Se a pessoa quer fazer análise, consegue o dinheiro. Quando eu fiz, era psicóloga num hospital, ganhava mal, mas tinha aquela prioridade. São opções.

ULISBOA Talvez se prefira uma solução mais rápida.

CSL Hoje há mais escolha, e recorre-se mais aos antidepressivos. A psicofarmacologia também evoluiu. Se pacientes precisam de apoio psicofarmacológico, oriento-os para um colega psiquiatra com empatia pela Psicanálise que não vá encharcar as pessoas. Às vezes não se morre da doença, mas da cura.

ULISBOA Pensa voltar aos Açores?

CSL Vivo cá, mas tenho raízes lá. Quando os meus pais morreram, desliguei-me. Mas não sei se cheguei a sair de lá – como o António Dacosta, que dizia que nunca tinha saído dos Açores. Sou muito marcada pela infância, de que não nos curamos. •

LANÇAMENTO DA IMPRESA DA ULISBOA

A 25 de julho de 2018, data da comemoração do 5.º aniversário da ULisboa, foram apresentados os primeiros oito livros publicados pela Imprensa da Universidade de Lisboa. A apresentação contou com a presença do presidente da República, o Professor Marcelo Rebelo de Sousa.

A Imprensa foi criada por despacho do reitor António Cruz Serra, publicado no *Diário da República* a 31 de maio de 2016, e integrada na Área de Arquivo, Documentação e Publicações da Reitoria da Universidade de Lisboa. É função da Imprensa apoiar um dos fins da Universidade – a produção de conhecimento. Tem por missão a publicação de originais, de mérito científico e cultural comprovado, e de obras fundamentais em todos os domínios do saber, além de volumes resultantes de projetos culturais ou institucionais singulares, cujos tópicos sejam considerados de interesse relevante para a Universidade.

Foram criadas coleções distintas a nível gráfico. A empresa FBA. – Ferrand, Bicker e Associados, sediada em Coimbra, desenhou a identidade gráfica da Imprensa – o logótipo e os materiais de divulgação – e concebeu o *design* gráfico das duas coleções permanentes: a coleção de obras fundamentais e a coleção de obras inéditas.

No primeiro conjunto de livros lançados pela Imprensa, há exemplos das três

coleções. As obras fundamentais agora publicadas incluem títulos como *Ensaio em Persuasão*, de John Maynard Keynes; *O Azulejo em Portugal*, de Vergílio Correia; *Cartas da Rússia*, de Marquês de Custine; *Vanguarda e Kitsch – Ensaio Escolhidos*, de Clement Greenberg; *Monsieur Proust*, de Céleste Albaret; *As Vilas do Norte de Portugal*, de Alberto Sampaio. A coleção de inéditos foi inaugurada com a obra *Metodologias de Avaliação de Políticas Públicas*, um conjunto de ensaios de 45 professores e investigadores da ULisboa, organizada por João Ferrão e José Manuel Pinto Paixão. Por último, uma obra de ficção que é um pequeno volume inaugural da atividade da Imprensa: *A Leitora Incomum*, de Alan Bennett

Prevê-se que até ao primeiro trimestre de 2019 os livros da Imprensa estejam disponíveis ao público nas grandes livrarias a nível nacional. De momento, é possível adquiri-los na Loja da ULisboa no Caleidoscópio, no jardim do Campo Grande. Estima-se também que até ao final do ano a Imprensa publique mais títulos nos vários domínios do conhecimento que a Universidade cultiva. •

Mais informações sobre a Imprensa da Universidade de Lisboa: www.ulisboa.pt/imprensa



© ULisboa

A equipa da Imprensa:

Ana Cláudia Santos, assistente editorial;
Hugo Xavier, coordenador editorial;
Ana Silva Rigueiro, coordenadora da Área
de Arquivo, Documentação e Publicações;
Helena Carneiro, assistente editorial.

Em falta António M. Feijó, diretor da Imprensa.